

Não há milagre da água

O governador Geraldo Alckmin adiou novamente o início do programa de redução do consumo de água na Grande São Paulo, apesar do nível crítico em que se encontram os reservatórios. Os técnicos da Sabesp alertaram, em maio, que os mananciais deveriam começar a ser poupados, mas foram ignorados. No turbilhão político provocado pelo racionamento de energia, Alckmin, que também é candidato em 2002, não quis agravar o desgaste do PSDB. Decidiu garantir, a qualquer custo, o fornecimento de água.

Mas está tirando a lição errada do episódio. O que, exatamente, ele ensinou é que não se pode confiar em São Pedro e abrir mão das ações preventivas enquanto há tempo para evitar o pior. Alckmin arrisca-se a cair na mesma armadilha.

Mantidas as condições meteorológicas dos últimos anos e o fornecimento de água nos níveis atuais poderá levar os reservatórios da cidade para um nível crítico, onde qualquer prolonga-

mento da seca resultará num colapso. O Sistema Cantareira, o maior da região metropolitana, abastece aproximadamente 9 milhões de habitantes e está com apenas 29% de sua capacidade de armazenamento. Levando em conta a demanda, o manancial estará operando em outubro com apenas 6% das reservas, à beira do colapso. E nada garante que as chuvas chegarão pontualmente em novembro. Ainda que cheguem e que a próxima estação das chuvas atinja as médias históricas de precipitações, os mananciais que formam o sistema demorariam, no mínimo, dois anos para se recuperar. Desde 1999, no entanto, as chuvas na região têm ficado muito aquém do previsto.

O governador Geraldo Alckmin acredita que a população economizará água e, assim, evitará que os reservatórios entrem em colapso. O Programa

de Uso Racional da Água, lançado no primeiro semestre, conseguiu 10% de redução no consumo, segundo ele. Na verdade, grande parte dessa economia é decorrente das mudanças de hábito provocadas pelo programa de racionamento de energia elétrica e pelas baixas temperaturas. E, mesmo com essa economia – que não tende a aumentar em relação aos níveis de hoje –, os reservatórios estão como estão.

Aliás, a escassez de água não é uma questão que deva ser tratada como passageira ou sazonal. É um problema permanente que tende a se agravar, principalmente na região metropolitana, onde o consumo é alto e os recursos hídricos não explorados são mínimos. A capital tem apenas um reservatório em seu perímetro e a população já está recebendo, há muito tempo, água vinda do interior

e de bacias localizadas no sul de Minas Gerais.

O governador e as autoridades responsáveis pela administração da água deveriam trabalhar para conscienti-

zar a população sobre a gravidade do problema de modo a promover uma mudança definitiva de hábitos. Definitiva, também, deve ser a política de recursos hídricos. Investir na reutilização da água para fins industriais e reverter as invasões nas áreas de proteção de mananciais são medidas prioritárias para garantir o abastecimento de São Paulo.

De imediato, o Estado precisa dar o exemplo contra o desperdício, começando pela redução da perda de água provocada pela falta de manutenção nas redes da própria Sabesp. No Sistema Cantareira, por exemplo, o mais crítico para a capital, 22% da água produzida vaza pelas tubulações. É um volume suficiente para abastecer mais de 1 milhão de pessoas.

É hora, portanto, de enfrentar seriamente e com responsabilidade esse desafio.

Exploração excessiva dos mananciais poderá trazer grave prejuízo ambiental